ENTRE A PUREZA DO ESPÍRITO E A DEGRADAÇÃO PELO DESEJO: O SUBSTRATO MASOQUISTA EM *OS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE*, DE MARQUÊS DE SADE

BETWEEN THE PURITY OF THE SPIRIT AND THE DEGRADATION BY DESIRE: THE SADOMASOCHIST SUBSTRATE IN *OS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE*, BY MARQUÊS DE SADE

ENTRE LA PUREZA DEL ESPÍRITU Y LA DEGRADACIÓN POR EL DESEO: EL SUSTRATO MASOCISTA EN *OS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE*, POR EL MARQUÊS DE SADE

Frederico de Lima Silva[1]
Hermano de França Rodrigues[2]

RESUMO
Embora os traços de sadismo representem o mote central da narrativa sadiana, nota-se uma pluralidade de outras disposições sexuais, como é o caso do manuscrito **Os Infortúnios da Virtude**, onde o sadismo sede espaço à manifestação masoquista, a qual é presentificada na protagonista, Justine, cujo percurso e configurações apontam para uma estruturação explicitamente centrada no sofrimento como forma de sustentação subjetiva. O presente trabalho, que congrega áreas do saber como a história, filosofia e psicanálise, apresenta algumas considerações sobre como a literatura sadiana dá lugar à disposição masoquista da personagem Justine ao alinhar sofrimento e desejo não como elementos díspares, mas complementares. Como subsídios teóricos, utiliza-se as contribuições de autores como Freud (1905, 1919, 1924 e 1933), Lanteri-Laura (1994), Barthes (2005), Roudinesco (1998 e 2008), Trousson (2015) entre outros.
PALAVRAS-CHAVE: Justine; literatura; Marquês de Sade; masoquismo; psicanálise.

ABSTRACT
Although the traits of sadism represent the central topic of Sadiana's narrative, a plurality of other sexual dispositions can be noted, as is the case of the manuscript ***Os Infortúnios da Virtude***, where sadism gives rise to the masochistic manifestation, which is present in the protagonist, Justine, whose path and configurations point to a structure explicitly centered on suffering as a form of subjective support. This work, which brings together areas of knowledge such as history, philosophy and psychoanalysis, presents some considerations on how Sadian literature gives rise to the masochistic disposition of the character Justine by aligning suffering and desire not as disparate elements, but as complementary ones. As theoretical subsidies, we will use the contributions of authors such as Freud (1905, 1919, 1924 and 1933), Lanteri-Laura (1994), Barthes (2005), Roudinesco (1998 and 2008), Trousson (2015) among others.
KEYWORDS: Justine; literature; Marquês de Sade; masochism; psychoanalysis.

RESUMEN
Si bien los rasgos del sadismo representan el tema central de la narrativa sadiana, se pueden notar una pluralidad de otras disposiciones sexuales, como es el caso del manuscrito **Os Infortúnios da Virtude**, donde el sadismo da paso a la manifestación masoquista, que está presente en el protagonista, Justine, cuyo camino y configuraciones apuntan a una estructura explícitamente centrada en el sufrimiento como forma de apoyo subjetivo. El presente trabajo, que reúne áreas del conocimiento como la historia, la filosofía y el psicoanálisis, presenta algunas consideraciones sobre cómo la literatura sadiana da lugar a la disposición masoquista del personaje Justine al alinear sufrimiento y deseo no como elementos dispares, sino complementarios. Como subsidios teóricos se utilizan los aportes de autores como Freud (1905, 1919, 1924 y 1933), Lanteri-Laura (1994), Barthes (2005), Roudinesco (1998 y 2008), Trousson (2015) entre otros.
PALABRAS CLAVE: Justine; literatura; Marqués de Sade; masoquismo; psicoanálisis.

[1] Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Orcid: 0000-0002-0603-7635
[2] Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Orcid: 0000-0003-1249-2543

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tanto o sadismo quanto o masoquismo são termos conhecidos dos estudos relacionados às perversões, isso porque ambos são originalmente descritos, desde as enciclopédias da sexologia, como manifestações típicas dos desvios sexuais humanos, como apontou Krafft-Ebing (1840-1902) em sua famosa e influente obra **Psychopathia sexualis** (1886). O masoquismo, alvo maior de nossa pesquisa, foi um termo criado pelo renomado psiquiatra alemão, acima citado, a partir do sobrenome do escritor e jornalista austríaco Leopold Ritter von Sacher-Masoch, o qual ganhou notoriedade graças à obra **A Vênus de Peles**, narrativa que tem como plano de fundo uma relação masoquista, a qual Krafft-Ebing interpretou como modelo da manifestação perversa em que circunstâncias tipicamente associadas ao sofrimento, tais como a flagelação, humilhação física e moral, e a fustigação, são vividos e expressos pelo sujeito como forma de satisfação.

Sigmund Freud (1856-1939), ao retomar o tema em sua teoria psicossexual, apropriou-se de grande parte da terminologia empregada por Krafft-Ebing (1886/2000), não retirando o masoquismo do âmbito das perversões. Todavia, é importante ponderar que, ao suscitar nas perversões um caráter não patológico, mas de manifestação própria e primordial da sexualidade humana, Freud sinaliza que tanto o sadismo quanto o masoquismo estão para além da visão higienista das ciências médica e jurídicas de sua época, constituindo-se como componentes comuns em variadas expressões da sexualidade, bem como na conduta dos sujeitos em sociedade, sem, necessariamente, constituírem um desvio nos sentidos patológico e/ou criminal.

Muito embora Donatien Alphonse François (1740-1814), o Marquês de Sade, tenha esteado o modelo utilizado por Krafft-Ebing para cunhar o termo sadismo, isto é, a perversão sexual em que práticas como pancadas, flagelações, humilhação física e moral são ingredientes de satisfação de sujeitos que gozam a partir do sofrimento infligido ao outro, a literatura desse polemista escritor francês, pela própria característica das composições libertinas, expõe inúmeras facetas dos modos de expressão de comportamento e sexualidade considerados desviantes. Em **Os Infortúnios da Virtude**, Sade (1791/2008) expõe uma narrativa que segue, rigorosamente, o modelo libertino, no qual são expressas características como descrença de credos religiosos, estilização erótica e subversão de condutas morais. Na narrativa, vemos destacadas duas personagens, Justine e Juliette; sendo a primeira a protagonista, uma heroína virtuosa, e a segunda uma libertina perversa, mostrando no fluxo

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

dos acontecimentos que se desenvolvem a partir da conduta de cada uma delas, a síntese da literatura sadiana.

Subsidiados, em especial, pelos constructos psicanalíticos freudianos, pretendemos esboçar algumas considerações em torno de como se dão os pormenores da manifestação masoquista presente na referida narrativa, de modo a vislumbrarmos como os componentes transgressores presentes na escrita sadiana, embora assinalem tabus existentes ainda hoje em nossa cultura, são a linha com a qual o escritor francês costura a sua estilística textual, a qual, sendo literatura, expõe, impreterivelmente, uma parcela do arranjo anímico e concreto do cotidiano humano.

MASOQUISMO: DA PATOLOGIZAÇÃO AO COMPONENTE SEXUAL

Ao cartografar a apropriação da sexualidade humana pelas ciências médicas, Lanteri-Laura (1994/1979), um dos maiores estudiosos do período médico-higienista da sexualidade, assinala que temas como o masoquismo e o sadismo, apesar de sabidamente existentes, pouco interessavam antes do início do século XIX. Com o declínio da influência da Igreja e a ascensão do pensamento iluminista na Europa, os pormenores sexuais praticados na vida privada dos sujeitos passaram a não constituir mais um assunto de interesse social, a não ser que o ato praticado viesse a produzir um escândalo público, seja na esfera propriamente sexual ou no âmbito da violência; casos em que a justiça acionaria um médico criminologista para emitir um parecer sobre os possíveis danos causados a uma ou a ambas as partes envolvidas no ato. Mais tardiamente, a sexologia viria a representar um componente importante no discurso médico, ao ser requisitada para avaliar as manifestações sexuais consideradas desviantes ou de natureza violenta. Nesse contexto higienista, a tríade formada pela medicina criminal, a sexologia e a justiça estariam encarregadas de delinear um horizonte sobre quais as práticas sexuais que não afetariam a ordem pública, isto é, o que seria considerado natural e o que seria patológico. Foi nessa conjuntura que termos como perversão, até então circulante quase exclusivamente na esfera do senso comum, começaram a ganhar espaço no glossário médico, o que causou uma associação do termo clínico com o sentido social já existente, o de devassidão, depravação.

O masoquismo, enquanto fenômeno catalogado pelas ciências médicas, surge no meio científico por volta da segunda metade do século XIX, causando grande curiosidade a seu respeito, tanto dos estudiosos da psiquiatria/sexologia/direito quanto do "conhecimento vulgar", já que a existência de uma ligação entre dor e prazer, por mais que não assinalasse

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

algo totalmente diferente na experiência humana ao longo do tempo, causava certo estranhamento, tendo em vista se tratarem de sensações, aparentemente, dispares. A inquietude em relação ao masoquismo ganha ainda mais contornos com declarações e textos que sinalizam não apenas fixação em relação à dor, mas a um conjunto de experiências outras, que se inscrevem nas mais variadas modalidades de sofrimento, sejam físicas ou psicológicas, incutidas, por exemplo, no amor, na submissão, na humilhação, na admiração etc., como, antes mesmo da criação do termo, já ponderava um dos personagens centrais da representação dessa perversão, Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895).

Sacher-Masoch nasceu em 27 de janeiro de 1836, na cidade Lemberg, antiga região da Galícia, situada no atual território da Ucrânia. Filho de nobres, desenvolveu-se como intelectual desde cedo, passando a se dedicar mais especificamente, na juventude, ao estudo do "direito, da matemática e da história, chegando a lecionar esta última disciplina na Universidade de Lemberg por algum tempo. Mais tarde, dedicado exclusivamente à carreira literária, tornou-se um autor popular e admirado por grandes escritores como Victor Hugo, Émile Zola e Henrik Ibsen" (Braga, 2009, p. 147).

E foi no campo da literatura que Sacher-Masoch obteve a notoriedade que carregou ao longo de toda a sua vida, mormente mediante a publicação da obra **A Vênus das peles**, narrativa que congrega conteúdos ficcionais e autobiográficos, onde o escritor abordou uma dinâmica centrada no prazer erótico mediante o sofrimento físico e a humilhação. Justamente pela publicização de manifestações tidas como inapropriadas pelo senso comum da época, que a obra incitou certa polêmica, instigando a diligência de variados seguimentos além do literário, sendo um deles o psiquiátrico, que teve na pessoa do médico alemão Richard von Krafft-Ebing (1840–1902) o responsável por desenvolver o termo masoquismo, o qual foi catalogado em um dos mais famosos tratados médicos do século XIX, o **Psychopatia Sexualis**, obra que reuniu e detalhou, por meio da visão higienista daquele período, todos aqueles fenômenos considerados perversões sexuais, que a medicina e a psiquiatria se debruçavam por meio de uma "ideia caricata e repressiva, que articulava preconceitos e burrices" (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 12). A respeito do masoquismo, Krafft-Ebing (1886/2000, p. 7-8) o classificou como sendo "a contrapartida do sadismo, na medida em que a culminância do prazer decorre de atos temerários de violência sofridos nas mãos do parceiro", a qual "compõe uma gradação que vai dos atos mais abomináveis e monstruosos aos mais visíveis e absurdos (a busca de castigos corporais, humilhações de todo tipo, flagelação passiva etc.)."

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

Com o advento da psicanálise no final do século XIX/início do século XX, seu fundador, Sigmund Freud, começa a desenvolver uma teoria da sexualidade que questionaria a visão limitante de muitas práticas eróticas classificadas sob o viés moral da época. Embora saibamos que o mestre vienense tenha se apropriado dos termos utilizados pela sexologia da época, como o sadismo e o masoquismo, a partir da publicação de seus ensaios sobre a teoria sexual infantil, por volta de 1905, apresentando o conceito de pulsão sexual e o particularizando em relação à noção de instinto, Freud anarquiza o modelo tradicional de interpretação das perversões.

Como pontua Garcia-Rosa (2009, p. 97), enquanto Krafft-Ebing depreendia como perversa "toda conduta que não conduz à reprodução, já que ela colocaria em risco a preservação da espécie", Freud (1905/1976), mesmo abarcando esse entendimento do psiquiatra alemão em seus textos iniciais, já que constituía o pensamento reinante na época, alarga a concepção de perversão, até então associada a patologias da mente, para a direção de componentes válidos da sexualidade humana. Dessa forma, o que estaria em jogo para a psicanálise não seria a prática erótica em si, mas "a descoberta do que se encontra como pano de fundo no movimento que relaciona prazer, dor, desprazer e sofrimento. Ele sempre insistiu em investigar o que não se manifestava claramente na clínica, ou seja, o que havia de implícito diante de reações manifestas" (Buchaúl, 2015, p. 32).

Dessa forma, Freud retira, em sua teoria, o *status* exclusivo de patologia em relação ao masoquismo. Recorrendo ao texto fundador da teoria psicossexual freudiana, **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, podemos constatar essa afirmação ao passo em que ele nos expõe a polimorfia perversa infantil como sendo passível de inúmeras vias de satisfação, algo que, mesmo não situando, de imediato, o masoquismo, coloca-o também num horizonte de possíveis destinos das pulsões. Segundo Freud, a condição perverso-polimorfa infantil possibilita às crianças serem introduzidas:

> [...] a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais - a vergonha, o asco e a moral - ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção (Freud, 1905/1976, p. 180).

De modo mais específico, é ao tecer suas considerações em relação às fases/estágios do desenvolvimento psicossexual infantil que Freud acrescentou o masoquismo ao escopo da sexualidade humana segundo a sua recém-criada análise da mente, sinalizando-o como sendo um componente autoerótico que se acentua mais claramente na analidade do infante. No

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

processo de constituição subjetiva do sujeito, a presença do objeto de amor primitivo, geralmente centrado na figura da mãe, exerce uma função crucial, isso porque é por meio de seu toque, fala, gestos etc., que a criança dá contornos a si mesma e ao mundo.

Ao tratar da fase anal, que ocorre por volta dos 18 meses aos três anos de idade, Freud (1905/1976) observa que o trato materno em relação à higiene do filho (em toda a sua sistemática, a qual não envolve apenas a higiene em si) representa uma vivência muito importante, haja vista que é nesse estágio em que a criança passa a ter um maior controle de suas funções corporais, como o da excreção, conduzindo-o, no próprio exercício relacional, a um jogo de reter/eliminar, que insere na edificação subjetiva infantil a mecânica do par ativo/passivo, isto é, sadismo/masoquismo. No entanto, cabe-nos destacar que, para Freud (1905/1976), essas experiências da infância não seriam vivenciadas de modo traumático por parte da criança, tendo em vista ainda não possuir mecanismos capazes de elaborá-las de tal forma, vindo a ser experimentadas na puberdade, onde elas seriam (res)significadas mediante a ocorrência de um evento similar do ponto de vista anímico, tornando-se traumáticas porque, nesse segundo momento, são entendidas pela psique como sendo uma experiência de ordem sexual.

Em 1919, Freud publica **"Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais**, texto dedicado ao masoquismo[3]. Resultado de suas elaborações a partir de relatos obtidos na clínica, os quais sublinhavam, em determinados pacientes, traços de prazer de viés masoquista que, em sua maioria, conduzia-os à prática da masturbação. Freud (1919/1976), novamente lançando um olhar sobre o comportamento infantil, argumenta sobre a existência de três fases da fantasia do espancamento, no qual a própria criança ou uma outra estaria na condição de objeto alvo do espancamento, enquanto o espancador seria um adulto posteriormente reconhecido como a figura paterna.

A primeira fase diz respeito a um masoquismo primitivo infantil, onde a criança que fantasia não é aquela que é espancada, e sim uma outra (irmão, irmã etc.), o que Freud (1919/1976) assinala como não constituindo manifestações masoquista ou sádica propriamente ditas, já que a criança que observa não se encontra na condição de espancada ou de espancador. Todavia, no decorrer da maturação dessa primeira fase, o espancador, posteriormente reconhecido como pai, passa a representar na fantasia dessa criança não mais alguém que simplesmente "bate em outra criança", mas "O meu pai está batendo na criança

[3] Uma nota do editor inglês, confirma que Freud, em uma carta a Ferenczi, de 24 de janeiro de 1919, afirmava estar concluindo um artigo sobre o masoquismo, o qual recebeu o presente título e foi publicado naquele mesmo ano sob o título **Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais**.

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

que eu odeio" (Freud, 1919/1976, p. 201), o que delinearia a assertiva de que "O meu pai não ama essa criança, mas apenas a mim" (p. 201).

Em um segundo tempo, o qual Freud (1919/1976) destaca como sendo o mais importante, isso porque, diferentemente dos outros dois, é organizado totalmente na dimensão inconsciente, o que torna a fantasia acessível apenas mediante o trabalho clínico. Nesse momento, o masoquismo estaria relacionado ao complexo de Édipo, onde a manifestação masoquista compreenderia uma resposta ao sentimento de culpa do sujeito em relação ao investimento incestuoso para com o genitor, ou seja, provocaria um alívio inconsciente frente ao conflito da cena edípica. Desse ajuste entre o sentimento de culpa e o masoquismo, segundo orienta Freud, resultam as fantasias, as quais correspondem a uma impressão anímica do Édipo em nossa subjetividade. No terceiro momento, percebe-se um direcionamento de Freud para um ponto de vista de "realocação" dos afetos, isso porque ele indica que, nesse tempo, as fantasias estariam sujeitas a uma mudança de representante, isto é, o pai que bate passaria a ser fantasiado, por exemplo, em um professor que castiga seus alunos.

Com o desenvolvimento da segunda tópica, Freud começa a questionar a primazia da pulsão de vida como guardião do psiquismo humano, passando a tentar estabelecer uma relação entre o masoquismo com o princípio de prazer, como podemos evidenciar nos esforços desenvolvidos no texto **O problema econômico do masoquismo**, de 1924. As constatações freudianas direcionaram para uma articulação entre o masoquismo e o sadismo, circunscrita pelo psicanalista por meio do termo sadomasoquismo, inferindo que o masoquismo não se trata de uma mera exposição do desprazer como amostra de um limite do prazer, mas de como ele aponta para um prazer experimentado na vivência possível da ultrapassagem do horizonte que a maioria tende a determinar como limite, o que, nas palavras de Vidal (2003), expõe como a sexualidade não se encontra determinada pelas prescrições do senso comum.

> Com o termo "pulsão de morte", Freud formula uma resposta para a tendência primária da pulsão a reconstruir um estado, sempre anterior da satisfação. Pulsão silenciosa cuja ação só é verificável a partir de sua associação com Eros. A pulsão parcial sadomasoquista constitui a pedra angular desta verificação. O sadismo vem obrigatoriamente em primeiro lugar, talvez porque revela o que o masoquismo oculta. De fato, o sadismo implica em um movimento de exteriorização que Freud segue cuidadosamente (Vidal, 2003, p. 137).

Dessa forma, a pulsão sadomasoquista passa a constituir um elemento central no dualismo pulsional freudiano, sendo o masoquismo, como salienta o próprio autor no manuscrito **Ansiedade e Vida Instintual**, a "pedra angular" desse enigma que ronda os

pormenores da sexualidade: “Ambos os fenômenos, [...] contudo muito especialmente o masoquismo, apresentam um problema verdadeiramente enigmático para a teoria da libido, o qual será equacionado apenas se o que constituiu uma pedra no caminho de uma teoria, puder tornar-se a pedra angular da teoria que a substitui.” (Freud, 1933/1976, p. 130).

PSICANÁLISE E LITERATURA: BREVES APONTAMENTOS FREUDIANOS SOBRE ESSA INTERLOCUÇÃO

Aproximar os campos da literatura e da psicanálise não é uma tarefa hodierna, tendo em vista o fato de que o próprio fundador do argumento psicanalítico, Sigmund Freud, fez da literatura um ambiente reflexivo das demandas da psique humana. Desde os seus primeiros manuscritos psicanalíticos, o neurologista austríaco já sinalizada como o discurso ficcional era capaz de abarcar certos vestígios anímicos, como é o caso de **Escritores Criativos e Devaneios**, onde o autor pondera sobre a capacidade dos escritores criativos de lançar luz sobre conteúdos recalcados no inconsciente humano; tarefa que, segundo ele, implica num esforço demasiado para os pesquisadores da mente humana. Nas palavras do psicanalista, “Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade [...] em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes” (p. 149).

Na referida obra, Freud (1908/1976) realiza uma interessante interlocução entre o brincar infantil e o trabalho da escrita poética, atividades que implicam numa diligência criativa por porte de ambos, que dizem de um potencial de aplicação do fantasiar, isto é, “O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva a sério, [...] no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade” (p. 150). Isso implica dizer que, ao brincar, a criança esboça registros inconscientes de suas demandas internas, haja vista que “O brincar [...] é determinado por desejos” (p. 151), os quais se encontram presentes na dinâmica, na narrativa de suas brincadeiras, da mesma forma que um escritor que consegue nos inquietar com *o estranho* presente nas entrelinhas, por exemplo, de um romance. Nesse sentido,

> A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os

DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

> ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor (Freud, 1908/1976, p. 150).

Nesse sentindo, as reflexões freudianas nos direcionam à meditação de que a criança, em suas atividades lúdicas, narra, de forma complementar, tanto os conteúdos conscientes de sua relação com o mundo quanto o teor incapaz de simbolização direta, ou seja, matéria inconsciente, de modo a trazer à tona aquele processo que Freud discorre como sendo o determinante dessa sistemática, "o desejo de ser grande e adulto" (151), o que seria reforçado por outros estudiosos dos processos de linguagem, como Walter Benjamin (1994), o qual, em seu **História cultural do brinquedo**, situa que "A criança quer puxar alguma coisa e se transforma em cavalo, quer brincar com a areia e se transforma em pedreiro, quer se esconder e se transforma em bandido ou em policial" (p. 247), "imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos" (Freud, 1908/1976, p. 151), numa espécie de ensaio para a sua entrada no mundo dos adultos.

A respeito do processo de escrita ficcional, Ruth Silviano Brandão (1996) argumenta que, diferentemente do que ocorre na criança, que não é imperada por mecanismos de barramento do desejo, o adulto encontra-se no outro espectro, onde o superego[4] opera de modo a limitar, cercear nossas pulsões mais "selvagens", por isso que o adulto tende a demonstrar certo embaraço frente às suas fantasias. O texto literário, como podemos pressupor na escrita sadiana, representaria um caminho possível para uma vivência parcial, possível e sublimatória do desejo, ou seja, a literatura constitui uma "[...] possibilidade de o impossível do desejo tornar-se possível, nas formas verbais, que são potencialmente capazes de visualizarem e se ouvirem. Aí, o sujeito verbaliza o que é seu, como se não fosse; de maneira semelhante, comporta-se o espectador na plateia" (Brandão, 1996, p. 33).

Ao longo de sua obra, Freud repetirá o atravessamento do texto literário, evidenciando e reforçando seu potencial de ponte para a matéria recalcada, alicerçando, nesse binômio, muitos dos seus mais famosos conceitos, como, a título de exemplificação, o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração, os quais foram amplamente situados nos hiatos de obras consideradas de ordem universal, como **Édipo Tirano**, de Sófocles; **Hamlet**, de Shakespeare; **O Homem da areia**, de Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann, bem como de celebrados autores, caso do romancista russo Fiódor Dostoiévski, que Freud (1928 [1927]/1974) dedicou o manuscrito **Dostoiévski e o parricídio**, no qual sugere que a tendência do escritor de criar personagens brutos, impetuosos e violentos indicaria a

[4] Uma das três instâncias psíquicas da segunda tópica freudiana, ao lado do Id e do Ego, herdeira do complexo de Édipo, da autoridade paterna e das demais influências repressivas parentais.

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

existência dessas mesmas inclinações dentro de si, daí "sua disposição instintual [pulsional] inata e pervertida, que inevitavelmente o marcava para ser um sadomasoquista ou um criminoso", [que, não podendo encontrar vasão concreta, alimentam, via sublimação literária], "seus dotes artísticos inanalisáveis" (Freud, 1928 [1927]/1996, p. 185).

Sendo a linguagem ficcional também o componente de viabilidade da escuta psicanalítica, já que aquilo que o paciente leva para a clínica é uma narrativa que se constrói nas suas possibilidades de formulação dos seus registros traumáticos, entender como o conciliábulo entre esses campos do saber torna-se algo expressamente viável. Como disserta o mestre vienense, esse diálogo encontra lugar, entre outros fatores, mediante "à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem alto-acusações, ou vergonhas" (Freud, 1908/1976, p. 158), assim como podemos experenciar através dos escritos do Marquês de Sade.

O IDEÁRIO LIBERTINO SADIANO E JUSTINE COMO MODELO DO IMPERATIVO MASOQUISTA

A França no século XVIII, até então a nação mais poderosa economicamente e a mais prestigiada culturalmente do continente europeu, servia como um reflexo em relação à dinâmica que se apresentava no restante do velho mundo. Se, até o século XV, a Igreja Católica firmou sua onipotência perante todos os homens, crentes ou não, conseguida desde a ascensão do cristianismo sobre o Império Romano, a partir da expansão marítima promovida pelas Grandes Navegações, bem como as crescentes descobertas científicas, a autointitulada "representante de Deus na Terra", mesmo a promoção da Contra-Reforma e o fortalecimento dos discursos relacionados à providência divina, passou a presenciar a consolidação do declínio do seu imperativo religioso, em contrapartida à ascensão de inúmeras correntes filosóficas, dentre elas a iluminista, o que promoveu no cenário literário, como representante do termômetro de seu tempo, da mesma forma que em outras esferas do conhecimento, uma arrojada e polêmica produção, haja vista que, no caso do pensamento iluminista, como mencionam Mello e Donato (2011):

> […] tem como fundamentos a crença no poder da razão humana de compreender nossa verdadeira natureza e de ser consciente de nossas circunstâncias. O homem, então, creia ser o detentor de seu próprio destino, formulando o racionalismo e contrariando as imposições de caráter religioso, sua "razão" divina de existir, e os privilégios dados à nobreza e ao clero – ainda predominantes à época (séculos XVII e XVIII) (Mello; Donato, 2011. p. 252-253).

Viu-se promover, então, uma inflexão das correntes ideológicas religiosas católica e reformista, levando à necessidade, por parte do Estado, das ciências, das artes, da sociedade de modo geral, de um afastamento mais acentuado em relação ao clero, algo que ficou bastante marcado na crescente descrença referente às profecias sobre o Juízo Final, as quais ganharam enorme popularidade na época, sobretudo devido à ruptura reformista. Destarte, o iluminismo soube concatenar o afastamento do ser humano pós-medieval no tocante à perspectiva maniqueísta religiosa de que o ser humano poderia ser unicamente bom ou mal, apontando para uma existência tanto moral quanto imoral na própria constituição humana; em outras palavras, o iluminismo "introduzia a problemática da secularização no momento em que as ordens religiosas eram questionadas, além de denunciar as intromissões e injustiças promovidas pela instituição na política dos Estados" (Mello; Donato, 2011. p. 252).

Nesse contexto de florescimento do pensamento humano, de "luta contra um passado castrador, pela vitória da razão e do progresso das novas ideias [sic], num momento em que a ciência se separava da filosofia e adquiriam ambas campo e terminologia específicos" (Moretto, 1994, p. 17), a literatura absorveu o caráter manifesto iluminista, fazendo com que muitos dos escritos do período entrassem não apenas para o *hall* dos mais polêmicos e celebrados em si tratando daquele recorte histórico, mas também como os próprios escritores, alguns dos quais, como veremos mais adiante, tiveram os nomes permanentemente associados a outras áreas do saber. Dentre as expressões artísticas de maior destaque do século XVIII, certamente a literatura libertina foi uma das que mais conseguiram dilucidar os signos do discurso iluminista. Por trazer em suas linhas uma linguagem que diluía certa erudição, termos considerados de baixo calão e reflexões um tanto quanto subversivas até mesmo para os ambientes mais progressistas do período, rapidamente foi taxada como pornográfica e associada ao público marginal, uma linha de pensamento que foi criticada, entre outros, por estudiosos como Marc André Bernier (1734-1751), o qual, na obra **Libertinage et figures du savoir: Rhétorique et roman libertin dans la France des Lumières**, o resultado de um estudo sobre a escrita e os escritores libertinos do século XVIII, advertiu que:

> Conferindo ao romance libertino o papel de precursor um pouco frívolo de uma concepção moderna do desejo, tal apadrinhamento faz disso não apenas um gênero desprovido de consistência própria: ele o arranca ainda da singularidade, até mesmo da grandeza da tarefa que foi a sua (Bernier, 2001 *apud* Oliveira, 2015, p. 10).

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

Tentar associá-los, única e exclusivamente, ao termo pornografia, cuja conotação na época era apenas pejorativa, constituía uma visão que forçava o vínculo entre os escritos libertinos e representações literárias de outros momentos históricos, como os tão polêmicos *fabliaux*, "pequenos contos de caráter jocoso que, muito embora fossem usados por eruditos, como um testemunho do cotidiano a fim de conduzir a uma moral similar à das fábulas, possuíam uma linguagem, em sua maioria, obscena, onde eram retratadas cenas da vida urbana medieval" (Silva, 2017, p. 66), o que constitui um equívoco, já que ambas as manifestações literárias compõem cataduras singulares do contexto histórico-filosófico de suas produções. Conforme orienta Trousson:

> Essa literatura, longe de resvalar no licencioso, desenvolve inicialmente uma 'arte de alta estratégia', romance de sedução e tática, que nada tem em comum 'com os romances e os poemas galhofeiros, licenciosos ou eróticos'. Reaparece assim a importância do tom, do estilo, do nível de linguagem: um romance libertino zela pela elegância da expressão, pela delicadeza dos termos, enquanto o romance licencioso ou pornográfico descamba para a crueza e a vulgaridade (Trousson, 2015, p. 167 tradução nossa).

Entre os escritores libertinos, um se tornou notável pela capacidade de reverberar, seja na escrita, seja no comportamento, para além do horizonte de sua época, Donatien Alphonse François, o Marquês de Sade. O escritor francês foi responsável por desenvolver uma ficção que, além de escandalizar a sociedade burguesa do século das luzes, serviu como referência para o desenvolvimento de noções psiquiátricas que nortearam as ciências médicas no século ulterior, cujas reverberações também influenciaram, sobremaneira, os estudos psicanalíticos, os quais, por sua vez, permanecem válidos até nossos dias. Graças às leituras promovidas e aos debates calorosos em torno de sua obra, Sade se tornou, conforme mencionamos anteriormente, o representante da manifestação perversa sádica, muito embora, pelos registros conhecidos acerca do autor, saibamos que sua vida foi marcada muito mais pela intervenção em relação à sua escrita do que propriamente no tocante aos desejos, tal como sinaliza Roland Barthes (2005, p. 212) em seu livro *Sade, Fourier, Loyola*, onde discorre que "os escândalos da vida de Sade não são os modelos das situações análogas em que encontramos em seus romances". Essa ojeriza em relação à literatura do Marquês, que pode ser evidenciada até na hodiernidade, expõe as entranhas da hipocrisia social, já que seus crimes se resumem a tecer a brutalidade dos desejos humanos sem os polimentos acessórios que costumeiramente são condicionados à escrita literária. Em outras palavras, "muitos leitores, por não compreenderem a sua obra ou por não estarem qualificados para a sua leitura, o condenam, sem bases consolidadas para tal postura" (Santos, 2018, p. 2268).

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

Mesmo tendo o seu nome vinculado ao sadismo, a literatura de Sade não se limitou à representação exclusiva dessa manifestação da sexualidade humana. Em **Os Infortúnios da Virtude**[5], por exemplo, vemos o registo masoquista como norteador da narrativa, o que não provoca o apagamento do componente sádico, haja vista que, como Freud (1924) assinala em suas postulações sobre o sadomasoquismo, ambas as tendências compõem ingredientes do nosso desenvolvimento subjetivo, sendo as particularidades da forma como vivenciamos as vicissitudes do nosso processo de subjetivação que nos direcionarão, de forma mais estrutural, a apresentar uma inclinação em relação a uma delas. Essa assertiva pode ser evidenciada por meio da narrativa mencionada acima, na "saga de duas irmãs [Justine e Juliette], uma virtuosa e condenada ao infortúnio, a outra lasciva e fadada à prosperidade" (Roudinesco, 2008, p. 64).

O mote narrativo e filosófico está centrado na bifurcação da trajetória de cada uma das irmãs. Residentes em um convento, ambas possuem uma vida confortável, a qual muda drasticamente com o falecimento dos pais. Como não poderiam custear a permanência no local, foram informadas da necessidade de procurarem outro local para viverem, e, devido às personalidades acentuadamente distintas, não permaneceram juntas. Enquanto Juliette, que possuía quinze anos, descrita como libertina, desprovida de princípios morais e religiosos, direcionou-se para uma vida tipificada pela sedução de homens, prostituição, roubos, homicídios e abortos, obtendo grande sucesso e benefícios; sua irmã, Justine

> [...] que apenas completava doze anos, dotada de um caráter sombrio e melancólico e de uma ternura e de uma sensibilidade surpreendentes, tendo em lugar da arte e da finura de sua irmã apenas uma ingenuidade, uma candura, uma boa fé que a fariam cair em muitas armadilhas, esta sentiu todo o horror da sua posição. O rosto desta jovem era totalmente diferente do da Juliette; o que se via de artifício, de astúcia, de coquetismo nos traços de uma, admirava -se o pudor, a delicadeza e a timidez na outra. Um ar de virgem, de grandes olhos azuis cheios-de interesse, uma pele resplandecente, um corpo fino e leve, um tom de voz tocante, a mais bela alma e o caráter mais doce, dentes de marfim e belos cabelos louros, este o esboço rápido de uma jovem encantadora, cujas graças ingênuas e traços delicados são de um estilo fino e delicado demais para não escapar ao pincel que gostaria de reproduzi-los (Sade, 1791/2008, p. 8).

As adversidades pelas quais a jovem Justine é acometida são narradas pela própria personagem à irmã, anos mais tarde, onde Juliette, agora Condessa de Lorsange, encontra-a sob a custódia de policiais. Tendo como cognome Teresa, uma maneira de preservar a honra da sua família em meio às acusações que a recaíam, Justine assume a narrativa, onde, num período de uma noite, relata à Condessa toda a "sorte" de infortúnios, desventuras e injustiças pelos quais passou e a levaram àquela situação. O relato de Justine, conquanto calcado numa

[5] Originalmente publicado em francês sob o título *Justine ou les Malheurs de la vertu*.

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

clara demonstração libertina de como a filosofia cristã promove malefícios à vida daqueles que se negam ao deleite dos prazeres e se privam de cometer ações que vão de encontro com as leis, também nos permitem vislumbrar no discurso da personagem desafortunada, certos traços do que acreditamos ser uma atuação masoquista.

O percurso da jovem Justine é permeado pela crença inabalável da ação de Deus sobre o seu destino, chamada de Providência Divina; elemento que funciona como ponto de sustentação para a personagem, o qual se apoia como forma de suportar as agruras que é submetida. Em determinada passagem, a personagem expõe, com veemência, sua posição:

> Professo em mim ideias de religião que graças ao Céu não me abandonarão jamais. Se a *Providência* me torna penoso o curso da vida, é para me compensar mais amplamente num mundo melhor; essa esperança me consola, ela mitiga todos meus pesares, ela aplaca minhas queixas, ela me fortifica na adversidade e me faz afrontar todos os males que lhe aprouver me causar (Sade, 1791/2008, p. 45 grifo nosso).

A fé inquebrantável de Justine em relação à ação divina, mesmo transparecendo uma possível leitura panegírica, na escrita libertina de Sade, serve não em defesa, mas como ironia ao discurso eclesiástico, haja vista que em nenhum momento da narrativa são descritos quaisquer benefícios de sua postura cândida, pelo contrário, é na recorrente posição ilibada em que a jovem se mantém que se evidencia uma justificação da sua disposição masoquista, algo que podemos notar em trechos como:

> Bem sei eu quantos perigos corri por ter me abandonado aos sentimentos de honestidade que germinaram sempre em meu coração, mas quaisquer que possam ser os espinhos da virtude, eu os preferirei sempre aos falsos vislumbres de prosperidade, perigosos favores que acompanham um instante de crime (Sade, 1791/2008, p. 45).

Enquanto a doutrina cristã orienta seus fiéis a suportarem as adversidades em favor da esperança na Providência, Sade inverte essa perspectiva ao atribuir à personagem não apenas um caminho tortuoso do início ao fim de sua jornada, mas também não lhe permitindo qualquer benesse realmente efetiva, pervertendo explicitamente o cânon religioso. Essa posição do autor, como orienta Roudinesco (2008, p. 48), é um emblema da filosofia libertina refletida em sua escrita, o de que "o mundo vivo em seu conjunto deve ser tratado não apenas à maneira de uma coleção de coisas, mas segundo o princípio de uma norma invertida".

Dessa forma, pode-se perceber que a postura de Justine frente aos flagelos que a acometeram e ainda acometem, patenteiam como ela toma as possibilidades de ser atingida por novas dores, humilhações e risco de morte como um modo mesmo de ser. Essa postura da

protagonista sadiana desguarnece como o permitir ser afligida pelas dores excruciantes da sua jornada lhe proporcionam, na direção oposta se apresenta, uma satisfação frente ao desejo, isto é, "uma dor tão violenta que dela resulta um riso sardônico, extremamente curioso de examinar" (Barthes, 2005, p. 180), o que implica na constatação de que o excesso das adversidades e o não se negar a vivenciá-los marcam a manifestação perversa presente em sua configuração:

> [...] na planície à direita do caminho, dois homens montados que pisoteavam um terceiro com as patas de seus cavalos, e que depois de o haver deixado como morto, fugiram à brida solta. Esse espetáculo horrível me enterneceu até às lágrimas [...]. Por mais que tentasse me defender desses sentimentos de comiseração, *por mais cruelmente que viesse a ser punida por eles, não pude resistir a me entregar de novo a eles* (Sade, 1791/2008, p. 138-139, grifo nosso).

Esse arranjo frente ao sofrimento, amparado animicamente na Providência, desguarnece como Justine está subjetivamente disposta numa configuração perversa masoquista, onde, como salientou Freud (1924/1976, p. 206), "o que importa é o sofrimento". Em outras palavras, para aqueles que manifestam o masoquismo a partir de uma estruturação perversa, torna-se impossível a possibilidade de gozo em situações que fujam a esse escopo do sofrimento enquanto via de satisfação, isso porque se "ele [o masoquista] é infligido por uma pessoa amada ou outra qualquer não faz diferença; pode ser causado também por poderes e circunstâncias impessoais, o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada" (Freud, 1924/1976, p. 206).

Isso posto, nota-se que, por meio de Justine, cujo destino foi a morte inevitável, Sade tem "o objetivo de defender a Providência contra os sofismas da Filosofia que, aproveitando-se dos "enigmas" daquela, pregaria o mais radical imoralismo, não reconhecendo nem mesmo a sociedade e a natureza como fundamentos da moral" (Mattos, 2015, p. 86) e, com isso, consegue não apenas deturpando a doutrina cristã que ainda influenciava fortemente o pensamento social no século XVIII, mas, concomitantemente, também a própria filosofia iluminista, pois promove o embate de um campo contra outro, contestando a existência de Deus e da moral dos bons sentimentos a uma só vez" (Sá, 2008, p. 369). Dessa querela meticulosamente arquitetada na trama libertina decorre uma parcela do brilhantismo da ação sadiana; em outras palavras, Sade:

> [...] utiliza, de um lado, a contribuição ética – e mais geralmente filosófica – considerável das Luzes; nela enxergando apenas uma maravilhosa máquina de guerra para negar todos os princípios de moral resultantes da religião revelada e ridicularizar os preceitos daqueles que têm fé em Cristo. Mas Sade recolhe, de outro

> lado, a herança dos apologistas, em partícula r a tese que desenvolveram longamente em seus escritos teóricos e ilustraram em seus romances, como ele mesmo se deleitará em fazê-lo ao longo de toda sua obra: o imoralismo da filosofia das Luzes (Domenech, 1989, p. 224 *apud* Mattos, 2015, p. 90, tradução do autor).

A outra parcela de êxito do escritor francês por meio da narrativa de Justine se dá no brincar com o gozo perverso de sua personagem e, assim, afrontar o estatuto moralista das práticas sexuais, apontando para aspectos como o masoquismo em sua condição ambivalente, como são todos os destinos da sexualidade, ora para práticas degradantes, cuja excessividade tende a acarretar em atos desmedidos e (auto)destrutivos; ora para disposições em que comparece como condição "assessória", mas atuante no jogo do prazer/desprazer. Em seu ensaio **Devemos Queimar Sade?**, Beauvoir (1972) situa esse caráter abarcador da dinâmica perversa da sexualidade humana na obra sadiana, inferindo que "certamente antecipou uma grande verdade. Ele sabia que as 'perversões' que são vulgarmente consideradas como monstruosidades morais ou defeitos psicológicos na verdade concernem o que agora seria considerado intencionalidade" (Beauvoir, 1972, p.74 *apud* Sá, 2008, p. 365, tradução do autor).

Sendo assim, é pertinente assinalar que a singularidade da literatura do Marquês tanto se encontra no registro de sua contestação do ideário religioso, que, na visão do célebre libertino, priva o ser humano da realização de seus desejos e o conduz a um estado de autoflagelação baseada na fé, o que a torna, nesses moldes, a representante sádica em contraponto ao crente masoquista; assim como na subversão do pensamento iluminista, o qual baseado na razão como norteadora das bases civilizatórias. Nesse sentido, a leitura de Lacan (1998) acerca do interativo libertino sadiano nos parece acertada ao concatenar o argumento em torno do desejo como uma espécie de máxima do gozo enquanto regra, "insólita ao se dar o direito, à maneira de Kant, de se afirmar como regra universal" (p. 780), onde o sujeito se institui mediante aa seguinte premissa alicerçante: "Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar"[6], ou seja, fundamentando-se no que podemos denominar de uma ética da transgressão. Dessarte, Justine serve como reflexo para a essência transgressora e intangível do "Príncipe dos perversos", de quem a capacidade criativa foi responsável por criar, como dispõe Michel Foucault (1994, p. 822), "um erotismo disciplinar" que o elevou tanto à condição de maior nome da literatura libertina como à de alcunha para a manifestação sádica.

[6] Ibidem, p. 780.

Revista Literatura em Debate, v. 19, n. 33, p. 241-260, jan./jun. 2024.
DOI: 10.31512/19825625.2024.19.33.241-260

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Infortúnios da Virtude é uma narrativa que apresenta o itinerário de Justine, uma jovem cuja vida é marcada intrínseca e traumaticamente pela negligência, num primeiro momento, das figuras paternas e, posteriormente, da irmã, Juliette. Abandonada à sua própria sorte em um mundo extremamente violento e pouco sensível à miserabilidade alheia, procura, à sua maneira, encontrar o abrigo que lhe foi negado. No seu discurso emergem, constantemente, os signos da solidão e do sofrimento, que, no entanto, encontram-se aglutinados à fé na Providência Divina.

Ao observarmos como a personagem se encontra mergulhada nesse contexto lancinante, podemos vislumbrar como o estado de desamparo experimentado por Justine contribuiu para a edificação de uma estrutura masoquista, que carece, continuamente, estar à mercê do imperativo de gozo do outro, ainda que essa disposição acarrete um tratamento vil em relação a si mesma. Diante das adversidades enfrentadas, o ego de Justine parece regredir a um estágio primitivo de sua formação, com vistas a se adequar, a tomar o sofrimento como uma forma de ocupar um lugar no mundo, de ser acolhida, mesmo que de maneira extremamente precária e destrutiva em meio ao laço social. Fruto da mente perturbadoramente criativa do grande libertino Marquês de Sade, o qual, mesmo inserido no contexto iluminista, tece, por meio da ironia, uma crítica voraz à filosofia da razão do século XVII, bem como à doutrina cristã que, apesar do declínio de sua influência, ainda exercia poder sobre a vida particular e social dos sujeitos, Justine expõe a precariedade subjetiva em torno de uma estrutura masoquista perversa, onde o Eu se encontra perigosamente à disposição do outro para, graças àquilo que se dilui no sofrimento, encontrar uma via de gozo própria.

Nesse contexto, a aproximação entre Literatura e Psicanálise nos permitiu testificar como a fantasia e a sublimação diluem-se na escrita criativa do insigne escrito francês, a qual, pela via das representações de desejos e comportamentos tidos como tabus até mesmo atualmente, como o sadismo e o masoquismo, também constituem maneiras de sustentação subjetiva de certos indivíduos no mundo, muitos dos quais buscam na ficção uma possibilidade de fugir da realidade que os aprisiona, fragiliza e limita.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, W. História cultural do brinquedo. In _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 244-248.

BRANDÃO, R. S. **Literatura e psicanálise**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

BRAGA, G. S.; SACHER-MASOCH, L. R von. "Matrena", de Leopold Ritter Von Sacher-Masoch. Tradução de Guilherme da Silva Braga. **Cadernos De Literatura em Tradução**, n. 10, p. 147-155, 2009. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49477/53558. Acesso em 07 de jan. 2023.

BUCHAÚL, S. P. **Investigações sobre o masoquismo na teoria freudiana**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2015.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. IV, Paris: Gallimard, 1994.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1908). Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976**,** pp. 149-158.

FREUD, S. (1919). "Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1928). Dostoievski e o Parricídio. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 179- 198.

FREUD, S. (1933). Ansiedade e Vida Instintual (Conferência 32) – Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24 ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KRAFFT-EBING, R. von. (1886). **Psychopathia sexualis**: as histórias de caso. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LANTERI-LAURA, G. (1979). **Leitura das perversões**: história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LAPLANCHE, J; Pontalis, J-B. **Vocabulário de psicanálise**. Sob a direção de Daniel Lagache; Trad. de Pedro Tamen. 4 ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEVER, M. **Sade**. Paris: Fayard, 1991.

MELLO, V. D. S.; Donato, M. R. A. O Pensamento iluminista e o desencantamento do mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. **Revista Crítica Histórica**, ano II, n. 4, p. 248-264, 2011. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2776. Acesso em: 26 jan. 2023.

OLIVEIRA, W. S. **A Literatura libertina francesa do século XVIII**: o sentido político-filosófico em "Les bijoux indiscrets". 2015. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

MATTOS, F. de. Enigmas da providência - sofismas da filosofia. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. *1, n.* 26, 2015, 78-92. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/109048/107553. Acesso em: 13 set. 2023.

MORETTO, F. M. L. **Letras Francesas**: estudos de literatura. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Trad. André Telles. - Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SÁ, D. S. O Marquês de Sade e o romance filosófico do século XVIII. **Eutomia. Revista de Literatura e Linguística**, v. 1, n. 2, pp. 362-377, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230660/O%20MARQU%c3%8aS%20DE%20SADE%20E%20O%20ROMANCE%20FILOS%c3%93FICO%20DO%20S%c3%89CULO%20XVIII.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 13 set. 2013.

SADE, M. (1791). **Os infortúnios da virtude**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Apresentação de Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2008. (Coleção Pérolas Furiosas)

SANTOS, M. A. F. Enlaces entre sociedade, natureza e literatura de libertinagem: o caso do Marquês de Sade. **Anais do Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC**, 2018. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547576230.pdf. Acesso em 02 jan. 2023.

SILVA, F. de L. **Literatura e Violência**: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado) Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

TROUSSON, R. **Denis Diderot**: ou le vrai Prométhée. Paris: Tallandier, 2005.

VIDAL, E. A. Masoquismo originário: ser de objeto e semblante, Pulsão e Gozo. **Revista da Letra Freudiana**. Escola, Psicanálise e Transmissão. Ano XI, n. 10, p. 134-143, 2003.

SOBRE OS AUTORES

Frederico de Lima Silva
Doutorando em Letras (Literatura, Teoria e Crítica) pela Universidade Federal da Paraíba, com bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB). Psicanalista clínico em formação pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (IBPC). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise da UFPB (LIGEPSI-UFPB-CNPq).
E-mail: fredlimaufpb@hotmail.com

Hermano de França Rodrigues
Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Associado I, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB-CNPq).
E-mail: hermanorg@gmail.com

Artigo recebido em 08/11/2023.
Artigo aceito em 24/11/2023.